



ESPORTE, HOMOSSEXUALIDADE E AMIZADE: ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE O ASSOCIATIVISMO NO FUTSAL FEMININO

Raquel da Silveira

Professora do curso de Educação Física da FURG

Marco Paulo Stigger

Professor do curso de Educação Física da UFRGS

RESUMO

Neste estudo, discutimos o associativismo esportivo de mulheres em esportes que são ditos masculinos. Fizemos uma etnográfica em um time de futsal feminino de Porto Alegre. Realizamos 51 idas a campo e 17 entrevistas. A equipe investigada era formada por 17 jogadoras, um técnico e sete pessoas que a acompanham sistematicamente. Sendo o associativismo um conceito que remete à sociação de pessoas para determinado fim, questionamos: como e porque mulheres se associam para praticar um esporte socialmente considerado masculino? Constatamos três aspectos sendo os principais para que o associativismo estudado fosse mantido: o esporte, a homossexualidade e a amizade.

ABSTRACT

In this study we discuss the sportive associativism of women in sports so-called masculine. We made an ethnographic research on a female indoor soccer team in Porto Alegre. We accomplished 51 field trips and 17 interviews. The team was formed by 17 players, a coach, and 7 people that systematically followed it. Being associativism a concept that refers to the association of people for a determined end, we ask: How and why do women associate to practice a sport socially considered masculine? We verified that three aspects were prime motive for for the associativism to be maintained: Sport, homosexuality and friendship.

Tendo em vista alguns elementos históricos do esporte, de fatos inerentes ao cotidiano das cidades e de estudos acadêmicos, tornam-se pertinentes as afirmações de Pfister (2003) de que

nos séculos XVIII e XIX, o esporte e a ginástica foram inventados pelo homem e para o homem, eles desenvolveram as atividades, práticas e performances esportivas de acordo com suas próprias necessidades e ideais. (...) Hoje, o esporte ainda é um mundo masculino, mas as mulheres estão fazendo sentir sua presença (PFISTER, 2003, p. 11).

Se as mulheres estão presentes no universo dos esportes, pode-se perceber a relevância de estudar o associativismo esportivo de mulheres vinculado a um esporte socialmente considerado *masculino*.

No universo do esporte, os homens estão mais presentes do que as mulheres, em particular naqueles socialmente considerados masculinos. Porém, essa predominância masculina no mundo esportivo não significa que as mulheres não façam parte desse universo. Mesmo que de forma reduzida, se comparada à participação dos homens, elas praticam esportes.

São poucos os estudos sobre a presença das mulheres no futebol e seus derivados¹, se comparados à produção acadêmica destinada à discussão do futebol masculino. Contudo há estudos que refletem a presença feminina, em especial em relação aos esportes ditos e/ou considerados masculinos.

Após analisar alguns desses estudos, percebemos duas maneiras de abordar o tema: a participação das mulheres nos esportes socialmente considerados masculinos, quando os protagonistas são os homens; e a participação das mulheres nesse mesmo tipo de esporte, enquanto praticantes.

No primeiro item, constatamos, de acordo com os textos consultados, que as mulheres ocupam espaço secundário na prática esportiva, pois, o campo empírico dos estudos está relacionado àquele em que elas ficam enquanto os homens estão praticando esportes. São torcedoras, mães, irmãs, articulistas, e até mesmo prostitutas (SAOUTER, 2003) no contexto das práticas esportivas realizadas por eles. Alguns exemplos desses estudos são “A mamãe e a prostituta: os homens, as mulheres e o rugby” (SAOUTER, 2003); “Futebol é ‘coisa para macho’? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol” (FRANZINI, 2005); “O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol” (COSTA, 2006/2007); “Copa do Mundo de 2006: o que elas escreveram na Folha de São Paulo” (SILVEIRA, 2007).

No segundo item da nossa análise, constatamos que a atenção se direciona às mulheres quando elas são as protagonistas dos esportes. Aqui, o campo empírico relaciona-se aos esportes socialmente considerados masculinos praticados por mulheres. Citamos alguns estudos que versam sobre o tema: “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades” (GOELLNER, 2005); “Ser mulher no mundo dos homens: socialização esportiva e a construção do gênero” (MENNESSON, 2005); “As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo” (MOURÃO e MOREL, 2005); “Os processos de construção e de modificação das disposições sexuais das mulheres que investem em esportes ditos ‘masculinos’” (MENNESSON, 2004); “O futebol feminino de várzea: uma análise cultural” (DORNELLES, 2004); “Homossociabilidade e homossexualidade: o caso de mulheres jogadoras de futebol” (MENNESSON, CIÉMENT, 2003).

Existem, portanto, diversos estudos sobre essa temática, mas a forma como acontecem esses esportes, a compreensão do associativismo dessas praticantes e os significados atribuídos por elas à prática são pouco explorados. E é devido a pouca quantidade de estudos sobre esse recorte da temática que desenvolvemos esta pesquisa, a fim de compreender aspectos dos associativismos femininos em esportes socialmente considerados

¹ Denominamos de derivações do futebol aqueles esportes que se aproximam do futebol de campo: futsal, futebol sete e futebol de areia.

masculinos. Para exemplificar a localização deste estudo no campo dos esportes, apresentamos a seguinte figura:

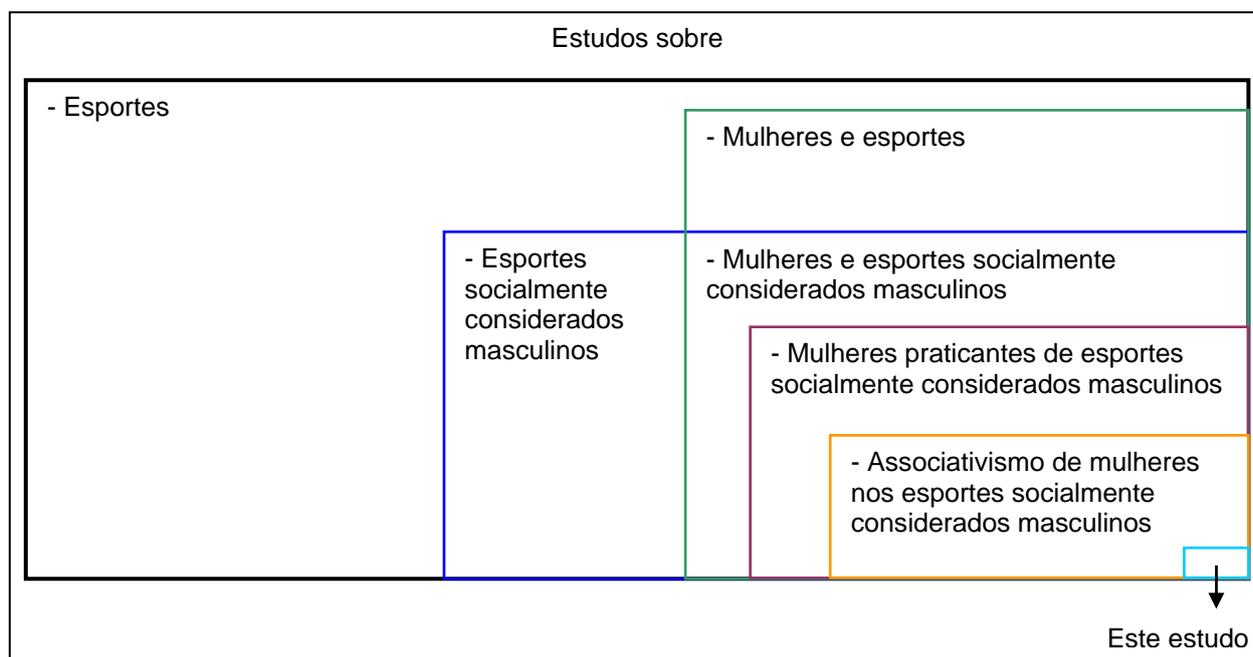


Figura 1: Localização deste estudo no campo dos esportes
Fonte: elaboração própria

A partir da Figura 1, procuramos mostrar que este estudo se insere na intersecção de dois grandes temas: “mulheres e esportes” e “esportes socialmente considerados masculinos”. Nesse ponto, a investigação apresenta uma análise específica da temática e chega aos estudos *sobre o associativismo entre mulheres nos esportes socialmente considerados masculinos*.

Assim, a pergunta que norteia esta investigação é: **como e porque mulheres se associam para praticar um esporte socialmente considerado masculino?**

Para responder essa questão realizamos algumas reflexões metodológicas, apresentando a maneira que se desenvolveu esta pesquisa.

ETNOGRAFIA: UM FAZER ARTESANAL

O presente estudo se assemelha a uma peça artesanal (WINKIN, 1998). São várias as características que permitem falar de uma etnografia artesanal, por exemplo, (1) o fato desse tipo de estudo não poder ser repetido, pois os fatos sociais analisados não se reproduzem; (2) o fato de o estudo ser sempre uma interpretação da *realidade* que, querendo ou não, se entrelaça com o ponto de vista dos pesquisadores; e (3) o fato de cada estudo possuir suas peculiaridades no modo de fazer.

As informações obtidas em campo dependem basicamente da relação do pesquisador com os informantes. O primeiro contato com o grupo, a aceitação no universo empírico pesquisado e as relações de trocas que se desenvolvem são fundamentais para

decidir quais informações serão ou não adquiridas pelo pesquisador. É necessário exercitar a *arte de ser* (WINKIN, 1998) em um trabalho etnográfico, e especificando para trabalhos etnográficos relacionados aos esportes, Stigger (2007) considera ser necessário aprender a conviver esportivamente com o grupo investigado. Estar no campo não é apenas observar as ações e ouvir as conversas que acontecem em um grupo social, mas, sim, é tentar identificar o porquê que tais ações e tais falas estão acontecendo em determinados momentos; é saber interagir com os informantes e questionar constantemente essa interação; é sumariamente *participar observando* (CARDOSO, 1988).

A investigação foi realizada com um time amador de futsal feminino da cidade de Porto Alegre. Realizamos 51 idas a campo, nos quais desenvolvemos um diário de campo com o maior número de informações que pudemos captar.

Outra forma de coleta de informações foi a utilização da internet. Muitas mensagens via net circularam entre as jogadoras, às quais tivemos acesso. Além do programa de relacionamento ORKUT, no qual o time criou uma comunidade para as pessoas que integram a equipe e para aquelas que, de alguma forma, estão envolvidas com o time.

Após dois meses terminada as idas a campo realizamos 17 entrevistas com 12 pessoas. Os roteiros foram elaborados a partir de informações que obtivemos durante as observações. Pois, como considera Oliveira (1998), a realização das entrevistas nas investigações são momentos de “um ouvir todo especial” (p. 22) dos investigadores em relação aos investigados. Foram elaborados três roteiros de entrevistas. Um sobre esporte, em que o foco era conhecer desde a socialização das praticantes em um esporte socialmente considerado masculino até as questões que envolviam a presença dessas praticantes no time investigado. O segundo roteiro foi sobre o tema da homossexualidade presente no futsal e o terceiro roteiro abordou questões sobre a amizade. Antes da realização das entrevistas foi assinado um “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” em que o(a) entrevistado(a) autorizam a utilização das entrevistas para publicação, sendo os nomes fictícios.

Contudo, Clifford Geertz já dizia na sua clássica obra “A interpretação das culturas” que a prática da etnografia não é apenas estabelecer relações, ir a campo, selecionar informantes, realizar entrevistas, manter um diário ou outras tarefas técnicas que envolvem o fazer etnográfico, para o autor “o que (...) define [o fazer etnográfico] é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’” (GEERTZ, 1989, p. 15).

Logo passamos agora a apresentar uma possível “descrição densa” do universo investigado

O TIME DE FUTSAL FEMININO INVESTIGADO

O time é composto por 17 praticantes amadoras, que têm entre 16 a 41 anos de idade. Algumas moram em Porto Alegre, outras em cidades próximas. A maioria delas trabalha e as profissões são bastante diversificadas e há aquelas que estudam. Em relação às condições financeiras, há heterogeneidade entre as integrantes da equipe.

O time também possui um técnico que atua voluntariamente.

Na equipe acontecem treinos sistemáticos, jogos e atividades extraquadra que são geralmente atividades festivas.

A equipe foi inicialmente organizada por duas jogadoras. Elas foram as responsáveis pela reformulação do time, após um ano do término de um antigo time de que faziam parte. Juntamente com a ajuda de Pedro (técnico do time), Julia e Laura organizam o time.

Atualmente a praticante Ana é a capitã da equipe

Também se consideram pertencentes ao time parceiros, parceiras e familiares de algumas jogadoras.

Quanto às relações afetivas há diversidades entre as integrantes da equipe. Algumas são casadas e possuem filhos, outras são solteiras, outras estão namorando. Algumas namoram homens, enquanto outras namoram mulheres. Destacamos que as relações afetivas na equipe são evidenciadas devido namorados, namoradas, maridos e companheiras estarem freqüentemente presentes nos encontros do time.

Identificamos no decorrer da pesquisa que além das relações afetivas, as relações de amizade entre parte dos integrantes da equipe também se destacava no contexto do time.

Então, chamamos a atenção para 3 pontos na convivência com a equipe:

1) o gostar de jogar futsal, que mesmo parecendo óbvio é um dos elementos que faz as jogadoras e as pessoas que acompanham a equipe se encontrarem todos os finais de semana;

2) a quantidade de mulheres homossexuais que, inclusive com suas parceiras, fazem parte do grupo; e

3) as relações de amizade que extrapolam o universo do futsal.

Assim, esses foram os três pontos principais que denominamos de eixos de sustentação do associativismo das mulheres estudadas. Passamos agora a falar de cada um desses pontos.

“EU GOSTO É DE JOGAR!”: DISCUSSÕES NO CAMPO DA SOCIOLOGIA DO ESPORTE

O esporte é o vínculo mais forte existente no time e aquele vivenciado pela a maioria dos integrantes. Várias das praticantes já jogavam futebol desde a infância. Elas jogavam na rua e com meninos. Apesar de elas considerarem o “saber jogar” algo nato, um dom, elas reconhecem no “pai” uma pessoa importante na socialização dos esportes, em especial, do futebol.

Atualmente, nenhuma das praticantes investigadas joga sistematicamente com homens, apenas com mulheres. Contudo, o futebol praticado por *elas* continua presente de forma significativa nas falas, comparações e gestos delas.

A informante Graciele expressa essa comparação com o futebol masculino a partir da opinião de seu pai sobre o modo dela jogar futebol, ela diz: “... eu só concordo com ele [pai de Graciele]... eu tinha que ter nascido homem, como se diz... eu tenho que concordar com ele, né? Porque eu teria tido mais oportunidade” (GRACIELE, 17/9/2007). Essa fala mostra que Graciele, da mesma forma que seu pai, visualiza o futebol praticado por ela a partir daquele jogado pelos homens. *Se ela tinha que ter nascido homem é porque o jogar dela é compatível com aquele esperado dos homens.* Está implícito aí que Graciele possui grande “capital esportivo” (MARIVOET, 1998, p. 31) que merece ser comparado com o de um jogador.

Em relação às questões relacionadas as feminilidades é possível dizer que ao mesmo tempo em que algumas características das jogadoras se afastam da feminilidade hegemônica, por exemplo, as marcas nos corpos após os jogos, há elementos que se aproximam dessa feminilidade: os cuidados com as unhas de Valéria e Denise e a tatuagem e chuteiras rosa de Ana.

Em relação ao esporte entendemos que esse deve ser compreendido através dos diferentes modos de apropriação que as pessoas fazem dele. Logo analisamos o esporte praticado pelas pesquisadas numa perspectiva heterogênia.

Os treinos acontecem uma vez por semana com duração de duas horas. Num primeiro momento, o técnico desenvolve atividades de fundamentos técnico-táticos com as praticantes. No segundo momento, acontece o jogo, propriamente dito. Esse jogo pode ser entre as integrantes do time, ou um amistoso. Observando os treinos, percebemos que tanto na primeira quanto na segunda hora, o rendimento esportivo era importante. Pedro se preocupava com a técnica dos movimentos e com a organização das jogadoras para os jogos oficiais. Ao mesmo tempo, preocupava-se em manter o ambiente descontraído. Por sua vez as jogadoras querem aperfeiçoar seus fundamentos de futsal e demonstrar suas habilidades ao técnico, ao mesmo tempo em que vivenciam o treino com muitas brincadeiras, gozações e jocosidades. Ana considera que “os treinos são bons, o Pedro sempre tem brincadeiras, tem cobranças, mas tem brincadeiras, descontraí ao mesmo tempo. É gostoso de ir” (ANA, 18/9/2007).

Os jogos *oficiais* são àqueles realizados em Torneios e em Campeonatos. Os Torneios são competições que acontecem em um ou dois dias, no máximo e são realizados nos três turnos em um único ginásio. Nos Campeonatos, que duram cerca de quatro meses, os jogos são realizados em dias e horários diversos.

Durante as partidas, é visível o esforço das jogadoras para terem um bom desempenho. Nesses momentos, há muita tensão presente. As vitórias são muito comemoradas, mas as derrotas acabam, muitas vezes, ocasionando desentendimentos entre algumas jogadoras, técnico e torcedores do time.

Se, na maior parte do tempo, a seriedade é fator constante nos jogos *oficiais*, isso não impede que, por alguns momentos, a descontração fique mais evidente. Se o rendimento esportivo é um fator que exclui algumas praticantes do Time, o que faz lembrar a lógica do rendimento esportivo, não é só ele que determina o funcionamento do Time. É necessário compartilhar códigos peculiares da equipe; além de participar de outros momentos fora dos treinos e das competições. É bom, ter amigos dentro do Time e se envolver com as brincadeiras que lá acontecem.

Dessa forma os significados atribuídos ao esporte pelas praticantes investigadas podem ser metaforicamente representados por uma gangorra, em que os extremos estão constituídos por características que muitas vezes são pensadas como contraditórias no campo do esporte, mas que, na situação do time pesquisado, são vivenciadas complementarmente:

Esporte de lazer

Ethos amador (DUNNING, 1992)
Voltado pra si (ELIAS E DUNNING, 1992)
Utilidade lúdica (LORET, 1996)
Valor de uso (LORET, 1996)
Divertimento

Esporte de rendimento

Ethos Profissional (DUNNING, 1992)
Dirigido para os outros (ELIAS E DUNNING, 1992)
Utilidade pública (LORET, 1996)
Valor de troca (LORET, 1996)
Seriidade



Figura 30: Representação da gangorra em equilíbrio
Fonte: elaboração própria

Os significados atribuídos ao futsal pelas praticantes, portanto, não podem ser explicados pela definição de “esporte de lazer” ou “esporte de rendimento”, binarismo presente no campo de estudo da Educação Física. Para compreender de forma mais fidedigna os significados do futsal para o grupo pesquisado, é necessário operar com os conceitos que fazem parte tanto do esporte de lazer quanto do de rendimento.

Em algumas situações dessa equipe, pode-se considerar que os conceitos que integram o chamado “esporte de lazer” estão em destaque, em outras situações são os conceitos que integra o esporte de rendimento que se destacam. Interessante lembrar que, em ambas as situações, estar em destaque não significa que os outros conceitos não estejam presentes.

FUTSAL FEMININO E SUAS RELAÇÕES COM O UNIVERSO DA HOMOSSEXUALIDADE FEMININA

O segundo vínculo que designamos importante no associativismo estudado foi a homossexualidade. No grupo em que realizamos observações há mulheres heterossexuais, bissexuais e homossexuais, contudo, a presença expressiva das homossexuais nos faz considerar que o universo do futsal investigado possui algumas relações com o universo homossexual feminino.

Desde que iniciamos a pesquisa com as praticantes de futsal, presenciamos, e também vivenciamos, algumas táticas de gerenciamento que elas faziam da visibilidade da homossexualidade no grupo.

Laura, por exemplo, deixa claro na entrevista que saber gerenciar a visibilidade da sua opção sexual é algo que aprendeu “na vivência” (LAURA, 30/10/2007). Essa informante demonstrou muita preocupação na maneira com que nós iríamos abordar a questão da homossexualidade no estudo. Laura enfatizou, no decorrer desse ano de convivência que tivemos com ela, que

eu não sou “homossexual Laura”, eu sou “Laura, tam, tam, tam, tam, homossexual”, entende, então isso não é o meu principal. Isso faz parte da

minha vida, mas não é o meu todo. E eu acho que quando tu coloca isso, parece que já cria uma barreira (LAURA, 30/10/2007).

Interpretamos essa preocupação de Laura sob dois aspectos. Inicialmente ela está dizendo que a sua vida não se centra na sua opção sexual, pois ao mesmo tempo em que ela é homossexual, ela trabalha, joga futsal, gosta de muitas outras atividades.

A segunda forma de interpretar a fala de Laura é a preocupação “em não dar bandeira” (MEINERZ, 2005), pois dar visibilidade ou não à opção homossexual faz com que essas mulheres sejam mais suscetíveis aos preconceitos que estão impregnados em determinados contextos da sociedade.

Contudo, no universo do futsal, esse cuidado com a visibilidade da homossexualidade parece ser menor, pois como considera Laura, “a maioria faz a força, né? A maioria, hoje, que joga futebol é homossexual. Isso eu não tenho dúvidas, eu não preciso ver números. Em função do próprio time a gente vê” (LAURA, 30/10/2007).

Assim, o universo do futsal por nós investigado pode ser visto como um espaço em que o gerenciamento da visibilidade da homossexualidade pode ser menos preocupante do que em outros lugares. Importante destacar que elas não são militantes da questão homossexual. Contudo, isso não significa que se sintam vítimas ou tenham vergonha da sua opção sexual, mas, significa que através do gerenciamento da visibilidade da homossexualidade elas estrategicamente escapam de manifestações preconceituosas.

Segundo a opinião da maioria das jogadoras homossexuais aqui investigadas, as pessoas “são levadas a caracterizar o homossexual pela fisionomia” (LAURA, 30/10/2007). Logo, ter mulheres que possuam traços corporais e gestos próximos das características construídas social e historicamente como masculinas faz com que o futsal seja visto a partir de um rótulo que associa “jogar futebol - masculinização das mulheres - homossexualidade”,

Rotular o universo do futebol feminino e seus derivados prejudica esses esportes, pois acentua a exclusão de mulheres que gostam de futebol e futsal, mas não são homossexuais; e dificulta a obtenção de patrocínios para as equipes femininas.

O gênero torna-se, portanto, um instrumento de hierarquização no Time investigado. Ali há inúmeros tipos de feminilidade que são respeitados, mas nenhuma jogadora adota uma feminilidade muito próxima das características que foram social e historicamente construídas como masculinas.

Sendo uma das preocupações deste estudo discutir o tema “lazer”, percebemos que para mulheres homossexuais esse assunto possui algumas peculiaridades.

Pois se para vivenciar um momento de lazer é almejado que haja o compartilhar e a aceitação social (ELIAS e DUNNING, 1992), consideramos que para mulheres homossexuais não é em qualquer lugar que isso pode acontecer. Dessa forma, esperava-se que existissem locais específicos para o lazer de mulheres homossexuais.

Contudo, as pesquisadas afirmam que Porto Alegre é uma cidade com pouquíssimos e desqualificados espaços de lazer para o público lésbico.

Dessa forma compreendemos que os momentos proporcionados pelo Time investigado privilegiam o lazer de mulheres homossexuais. Contudo isso não seria reduzir ou rotular o futsal feminino estudado à homossexualidade, mas, perceber que, em uma sociedade que ainda possui setores preconceituosos quanto à opção sexual de um indivíduo (LOURO, 2004), a prática de um esporte - no caso deste estudo, o futsal - pode se constituir em um

momento privilegiado de lazer em que o preconceito e a discriminação fiquem quase inexistentes.

Passamos agora para o último vínculo social que sustenta o associativismo estudado: as relações de amizade.

RELAÇÕES DE AMIZADE ENTRE ALGUNS INTEGRANTES DO TIME

Durante a observação realizada no Time, percebemos que, além das jogadoras serem colegas de equipe e compartilharem momentos de sociabilidade, algumas possuem relações que denominam amizade.

Para tanto, consideramos necessário apreender o conceito de amizade a partir de estudos que o problematizam. Nesse processo, percebemos que é no campo da filosofia que a amizade teve e tem maior destaque.

Atualmente, Francisco Ortega é um dos principais intelectuais a se dedicar à temática da amizade (ORTEGA 1999, 2000 e 2002). Para ele, “a amizade é uma manifestação que não se comporta uniformemente no tempo e no espaço” (2002, p. 11). Se existe uma tradição teórico-filosófica sobre a amizade, não significa que suas práticas e seus significados sejam imutáveis. Logo, tanto os aspectos presentes na concepção teórico-filosófica quanto os acontecimentos empíricos são importantes para a compreensão da temática.

As amizades para Ortega devem abranger uma *ascese*, uma recriação de si na direção de um aperfeiçoamento espiritual. Essas relações devem ser espaços compartilhados de liberdade, risco e experimentação. São relações sociais que envolvem alteridade, semelhanças, trocas, reciprocidades, *parrhesía*, e formas de vida. São relações não-institucionalizadas que devem romper as fronteiras das relações familiares, afetivas e profissionais, que consistem em normatizações da sociedade.

Contudo as informações obtidas em campo demonstram a presença de uma lógica familiar nas relações de amizade. Para os informantes dessa investigação falar que o amigo é um irmão qualifica a amizade, em termos de respeito e confiança. Assim, é possível afirmar que uma das principais características proposta por Ortega para que as relações de amizade sejam um exercício do político não é contemplada no grupo investigado.

Por outro lado, experimentação, risco, *ascese*, *parrhesía*, trocas, reciprocidades, semelhanças, diferenças, aprendizagens e conflitos são conceitos que Ortega destaca em sua trilogia sobre amizade e que nos auxiliaram na interpretação de aspectos daquela vivenciada entre alguns integrantes do Time.

Na amizade de Pedro e Julia, os conflitos existentes estão relacionados com o dizer a verdade. Quanto à amizade entre Laura e Pedro conflitos e aprendizagens também estão presentes. Eles ficaram “praticamente dois anos sem se falar” por causa de um conflito que aconteceu “em função de diferenças de opiniões” (LAURA, 30/10/2007).

As aprendizagens vivenciadas na amizade entre Pedro, Julia e Laura estão diretamente relacionadas com as diferentes formas de agir e de conceber o mundo entre eles. É a partir da relação com o *outro* que eles vão se construindo enquanto sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, a proposta aqui apresentada de transformar o fazer científico em um fazer artesanal teve suas vantagens. Foi através da etnografia - um modo lento de fazer ciência, em que após cada observação se deve refletir sobre como agir *no campo* – que pudemos trazer informações empíricas que, ao menos, desestabilizaram saberes, muitas vezes, nem questionados. Se essa pesquisa foi elaborada tendo em vista os poucos estudos sobre o tema em questão, isso não significa - e também nem se pretendia – que essa discussão fosse aqui esgotada. Pelo contrário, as considerações, agora feitas, revelam que as observações do cotidiano das praticantes de um time de futsal da cidade de Porto Alegre trouxeram tão rico material que o presente estudo não conseguiu abrange-lo totalmente.

REFERENCIAIS

CARDOSO, Ruth C. L. Aventuras de antropólogos em campo ou como espaçar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth C. L. (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 95 – 105.

COSTA, Leda Maria. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. In: *Esporte e Sociedade*, Ano 2, número 4, Nov2006/Fev2007. Site <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/epsoc/> Acessado em 17/03/2006.

DORNELLES, Priscila Gomes. *O futebol feminino de várzea: uma análise cultural*. Monografia da Especialização Pedagogias do Corpo e da Saúde - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

DUNNING, Eric. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, Nobert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial, Lda, 1992, p. 299 – 325.

ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. O lazer no espectro do tempo livre. In: ELIAS, Nobert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial, Lda, 1992, p. 139 – 184.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. In: *Revista brasileira de História*. São Paulo, v. 25, n° 50, 2005, p. 315 – 328.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, Koogan, 1989.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. In: *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 2, 2005, p. 143-151.

LORET, Alain. *Génération glisse: dans l'eau, l'air, la neige... la révolution du sport des « années fun »*. Paris: 1996, Autrement.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

MARIVOET, Salomé. *Aspectos sociológicos do desporto*. Lisboa: Livros Horizontes, 1998.

MEINERZ, Nádia Elisa. Entre mulheres: estudo etnográfico sobre a constituição da parceria homoerótica feminina em segmentos médios na cidade de Porto Alegre – RS. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia social, Porto Alegre, 2005.

MENNESSON, Christine. *Être une femme dans le monde des hommes: socialisation sportive et construction du genre*. France : L'Harmattan, 2005.

MENNESSON, Christine. Les processus de construction et de modification des dispositions sexuées des femmes investies dans un sport dit « masculin ». In : Societe de Sociologie du Sport de Langue Française. *Dispositions et pratiques sportives : débats actuels en sociologie du sport*. France: L'Hamattan, 2004, p. 37 – 53.

MENNESSON, Christine and CLÉMENT, Jean-Paul. Homosociability and homosexuality: the case of soccer played by women. In: *International Review for the Sociology of Sport* 38/3(2003), p. 311–330.

MOURÃO, Ludimila; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* – vol. 26 – n°2 – Campinas, janeiro 2005, p. 73 – 86.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: _____ *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1998, p. 17 - 35.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e Estética da Existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal LTDA., 1999.

ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2000.

ORTEGA, Francisco *Genealogias da Amizade*. São Paulo: Editora Iluminuras LTDA., 2002.

PFISTER, Gertrud. Líderes femininas em organizações esportivas – tendências mundiais. In: *Revista Movimento*. Porto Alegre, v. 09, n. 2, p. 11 – 35, maio/agosto de 2003.

SAOUTER, Anne. A mãe e a prostituta: os homens, as mulheres e o rugby. In: *Revista Movimento* – vol. 9 – n° 2 – mai/ago 2003, p. 37 – 52.

SILVEIRA, Raquel. Copa do mundo de 2006: o que *elas* escreveram na Folha de São Paulo. In: *Pensar a Prática* – vol. 10 – n° 1 – jan/jun 2007, Goiânia, p. 133 – 152.

STIGGER, Marco Paulo. Estudos etnográficos sobre esporte e lazer: pressupostos teórico-metodológicos e pesquisa de campo. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando; e

SILVEIRA, Raquel da. *O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 31 – 50.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. In: WINKIN, Yves *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papirus Editora, 1998, p. 129 – 145.